



ANAIS



III CEPIAL

CONGRESSO DE CULTURA
E EDUCAÇÃO PARA A INTEGRAÇÃO
DA AMÉRICA LATINA

Semeando Novos Rumos

www.cepial.org.br
15 a 20 de julho de 2012
Curitiba - Brasil



ANAIS



III CEPIAL

CONGRESSO DE CULTURA
E EDUCAÇÃO PARA A INTEGRAÇÃO
DA AMÉRICA LATINA

Semeando Novos Rumos

Eixos Temáticos:

1. INTEGRAÇÃO DAS SOCIEDADES NA AMÉRICA LATINA
2. EDUCAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO LATINO-AMERICANO:
SUAS MÚLTIPLAS FACES
3. PARTICIPAÇÃO: DIREITOS HUMANOS, POLÍTICA E CIDADANIA
4. CULTURA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA
5. MEIO-AMBIENTE: QUALIDADE, CONDIÇÕES E SITUAÇÕES DE VIDA
6. CIÊNCIA E TECNOLOGIA: PRODUÇÃO, DIFUSÃO E APROPRIAÇÃO
7. POLÍTICAS PÚBLICAS PARA O DESENVOLVIMENTO SOCIAL
8. MIGRAÇÕES NO CONTEXTO ATUAL: DA AUSÊNCIA DE POLÍTICAS
ÀS REAIS NECESSIDADES DOS MIGRANTES
9. MÍDIA, NOVAS TECNOLOGIAS E COMUNICAÇÃO

www.cepial.org.br
15 a 20 de julho 2012
Curitiba - Brasil

ANAIIS



III CEPIAL

CONGRESSO DE CULTURA
E EDUCAÇÃO PARA INTEGRAÇÃO
DA AMÉRICA LATINA

Semeando Novos Rumos

Eixo 4

“CULTURA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA”

www.cepial.org.br
15 a 20 de julho de 2012
Curitiba - Brasil

4. CULTURA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA

MR4.1. Sociedade e Cultura de Fronteira

EMENTA

Esta mesa propõe-se a discutir fronteiras no Prata, contemplando diferentes temporalidades e espacialidades com enfoques voltados aos guaranis, às missões jesuíticas, aos migrantes dos séculos XIX e XX e às ideologias nacionalistas e de integração. Poderão ser trazidos ao debate estudos e reflexões que apontam para relações sociais transfronteiras, para vivências à margem das intencionalidades oficiais e de discursos hegemônicos. A composição da mesa proposta atentou para a inserção interinstitucional, para a interdisciplinaridade e vínculos com programas de pós-graduação que trabalham com fronteiras.

Coordenador: Valdir Gregory – Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE - BRASIL)
Carmen Curbelo: Universidad de la Republica Uruguay - (UDELAR - URUGUAY)
Ernelo Schallenger – Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE – BRASIL)
Jones Dari Goeter: Universidade Federal da Grande Dourados - (UFGD - BRASIL)
Ricardo Carlos Abinzano: Universidad Autónoma de Misiones – (ARGENTINA)

RESUMOS APROVADOS

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL LATINO-AMERICANO: O TRADICIONALISMO E A IDENTIDADE GAÚCHA (autor(es/as): Ana Carolina Rios Gomes)

O RAP ENTRE FRONTEIRAS: PRÁTICAS ESTÉTICO-MUSICAIS LATINO AMERICANAS (autor(es/as): Angela Maria de Souza)
REMANESCENTES DAS REDUÇÕES JESUÍTICAS DE NOSSA SENHORA LORETO E SANTO INÁCIO MINI NA PROVÍNCIA DO GUAIRÁ-1608-1639 (autor(es/as): BERENICE SCHELBAUER DO PRADO)

O CIRCUITO ROCKEIRO NA TRÍPLICE FRONTEIRA (autor(es/as): Franciele Cristina Neves)

A SOCIEDADE DE CONSUMO: ANÁLISES NA FRONTEIRA ENTRE BRASIL E PARAGUAI (autor(es/as): Luana Caroline Künast Polon)

Cortando a cerca: uma escola do campo frente a multiculturalidade contemporânea (autor(es/as): Lydia Maria Assis Brasil Valentini)

Movimento Hip-Hop como manifestação cultural: Uma análise do léxico de letras de rap em Foz do Iguaçu. (autor(es/as): RONALDO SILVA)

INTEGRALIZAÇÃO LATINOAMERICANA: AFIRMAÇÃO CULTURAL OU JOGADA IMPERIALISTA? (autor(es/as): Victor Alves Pereira)

Sankofá- Abaetê: Construindo diretrizes, resgatando nossas raízes (autor(es/as): Vilisa Rudenco Gomes)

SAÚDE SEM FRONTEIRAS - REDE BINACIONAL DE SAÚDE NA FRONTEIRA BRASIL-URUGUAI (autor(es/as): Daniela da Rosa Curcio et alii.)

MR4.2. Apropriação, Usos do Território e Práticas Sociais Diferenciadas

EMENTA

Os trabalhos da presente mesa circunscrevem-se às pesquisas que vêm sendo desenvolvidas pelos participantes, que têm como referência diferentes sujeitos (quebradeiras de coco babaçu, quilombolas, ribeirinhos e trabalhadores rurais dentre outros) e práticas sociais, em distintos contextos. Os trabalhos explicitam diversos aspectos da problemática relativa à organização, apropriação e uso do território. O fio condutor das reflexões está referido às diferentes formas e estratégias utilizadas por esses sujeitos face às definições e redefinições recentes do território.

Coordenador: Joaquim Shiraishi Neto: Universidade estadual do Amazonas - (UEA - BRASIL)
Luís Fernando Cardoso e Cardoso: Universidade Federal do Pará - (UFPA - BRASIL)
Rosirene Martins Lima: Universidade estadual do Maranhão - (UEMA - BRASIL)
Ana Paulina Aguiar Soares: Universidade estadual do Amazonas – (UEA - BRASIL)

MEMÓRIAS DA GUERRA DO CONTESTADO- A CULTURA POPULAR ATRAVÉS DA RELIGIOSIDADE NO MONGE JOÃO MARIA DE JESUS EM MARILÂNDIADO SUL. (autor(es/as): Bruno Augusto Florentino)

DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E SUA INTERFACE NOS ASSENTAMENTOS RURAIS DO MUNICÍPIO DE ROSANA-SP (autor(es/as): CLEDIANE NASCIMENTO SANTOS)

REFLEXÕES ENTRE A MANUTENÇÃO DAS IDENTIFICAÇÕES RURAIS E A INFLUÊNCIA DAS MODERNIDADES NA VILA DO DISTRITO DE GUARAGI - PONTAGROSSA (PR) (autor(es/as): FABELIS MANFRON PRETTO)

ÍNDIOS, TAPUIOS E “CABOCOS”. CULTURAS E IDENTIDADES MARGINAIS NA MANAUS DE ONTEM E HOJE. (autor(es/as): PAULO MARREIRO DOS SANTOS JÚNIOR)

TOPOFILIA & TOPOFOBIA – TOPOCIDIO & TOPO-REABILITAÇÃO: A MERCANTILIZAÇÃO DA CULTURA EXPRESSA NO PATRIMÔNIO HISTÓRICO ARQUITETÔNICO E URBANÍSTICO DE DIAMANTINA-MG (autor(es/as): RAHYAN DE CARVALHO ALVES)

ARELAÇÃO SER HUMANO/ NATUREZA – REFLEXÕES A PARTIR DE UM ESTUDO DE CASO. (autor(es/as): ROSANA BARROSO MIRANDA).

MR4.3. Territórios, Memórias e Identidades latino-americanas

As ciências humanas e em especial as sociais desenvolveram no século XX teorias e metodologias para compreender e explicar como se elaboraram concepções de territórios, memórias e identidades, sobretudo na produção intelectual latino-americana. Atualmente, os estudos de caráter socioambiental contribuem sobremaneira com esses avanços, especialmente se forem considerados os aportes da antropologia, da geografia cultural, da história, da psicologia social e da sociologia. Além de localizar esses avanços, é fundamental trazer para o debate os resultados das pesquisas realizadas com esses múltiplos enfoques entre as dimensões da natureza e da sociedade

Coordenação: Salete Kozel – Universidade Federal do Paraná - (UFPR – BRASIL)
Maria Geralda de Almeida: Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade de Goiás - (IESA/UFG – BRASIL)
Álvaro Luiz Heidrich: Universidade Federal do Rio Grande do Sul – (UFRGS – BRASIL)
Sandra Valeska Fernandez Castillo: Universidad de Concepción - (CHILE)
Alicia M. Lindon Villoria: Universidad Autónoma Metropolitana - (UAM – MÉXICO)

www.cepial.org.br

15 a 20 de julho de 2012

Curitiba - Brasil

4. CULTURA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA

“OUTROS” IMAGINADOS: AS REPRESENTAÇÕES DOS CIDADÃOS LATINO-AMERICANOS SOBRE AS CIDADES PRÓXIMAS E DISTANTES (autor(es/as): **carla beatriz santos menegaz**)

100 Anos de História: Alguns Elementos Formadores da Identidade Cultural do Território do Contestado (autor(es/as): **FLAVIA ALBERTINA PACHECO LEDUR**)

Guimarães Rosa no labirinto chamado América Latina (autor(es/as): **iolanda cristina dos santos**)

Los lugares de Memoria como lugares de Aprendizaje, tres estudios de caso: Santiago de Chile y Medellín-Colombia” (autor(es/as): **Karen Andrea Vásquez Puerta**)

A FESTA KALUNGA DE NOSSA SENHORA DE APARECIDA: IDENTIDADE TERRITORIAL E REAPROXIMAÇÃO ÉTNICA (autor(es/as): **Luana Nunes Martins de Lima**)

REPRESENTAÇÕES ESPACIAIS E SIMBÓLICAS: AS IDENTIDADES DAS FESTAS DO BOI-A-SERRA NO CENTRO-OESTE BRASILEIRO (autor(es/as): **Maisa França Teixeira**)

A construção do Patrimônio Cultural a partir do imaginário da população de Marechal Cândido Rondon - PR: um estudo sobre o lugar de memória Casa Gasa (autor(es/as): **Paulo Henrique Heitor Polon**)

A INFLUÊNCIA DO TURISMO NA VALORIZAÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL: O CASO DE SÃO LUÍS DO MARANHÃO (autor(es/as): **Saulo Ribeiro dos Santos**)

IDENTIDADE E FÉ NOS ASSENTAMENTOS RURAIS DE SERGIPE (autor(es/as): **Solimar Guindo Messi as Bonjardim**)

MR4.4. Espaço, gênero e sexualidades na América Latina

EMENTA

A mesa redonda tem como objetivo realizar uma reflexão sobre as relações de gênero que envolvem o processo de organização social, econômica e cultural dos territórios da América Latina, evidenciando as hierarquias e desigualdades baseadas nos papéis sociais insituídos para homens e mulheres.

Coordenadora: Joseli Maria Silva - Universidade Estadual de Ponta Grossa – (UEPG - BRASIL)

Marlene Tamanini: Universidade Federal do Paraná – (UFPR - BRASIL)

Diana Lan: Universidad Nacional del Centro – (UNC - ARGENTINA)

Maria das Graças Silva Nascimento Silva: Universidade Federal de Rondônia – (UFR – BRASIL)

RESUMOS APROVADOS

A MARCHA MUNDIAL DAS MULHERES E A CULTURA DOS MOVIMENTOS SOCIAIS CONTEMPORÂNEOS (autor(es/as): **ALEXANDRA PINGRET**)

PELOTÓN MARIANA GRAJALES: O OLHAR DA REVISTA MUJERES NO ANO DE 1971 (autor(es/as): **Andréa Mazurok Schactae**)

NA ARGENTINA TANGOS, NO BRASIL TRAGÉDIAS! LÁ MATRIMÔNIO IGUALITÁRIO, AQUI UNIÃO CIVIL (autor(es/as): **CHRISTOPHER SMITH BIGNARDI NEVES**)

ECONOMIA SOLIDÁRIA, RELAÇÕES DE GÊNERO E COLETADORES DE MATERIAL RECICLÁVEL: LIMITES E AVANÇOS (autor(es/as): **Edinara Terezinha de Andrade**)

As mulheres do tráfico e a violência de gênero (autor(es/as): **Fernanda Pereira Luz**)

ARTICULAÇÕES EM REDE NA AMÉRICA LATINA: O CASO DE CDDLA E “CATÓLICAS PELO DIREITO DE DECIDIR” NO BRASIL (autor(es/as): **Francine Magalhães Brites**)

OS SUJEITOS NA MARGEM DA CULTURA - CONFLITOS NOS ESPAÇOS EDUCACIONAIS LATINO AMERICANOS (autor(es/as): **Gustavo Luiz Ferreira Santos**)

Habilidades Sociais e Sexualidade: A construção Identitária na Adolescência (autor(es/as): **Priscilla de Castro Campos Leitner**)

AS UNIÕES HOMOAFETIVAS CONFORME O BLOCO DE CONSTITUCIONALIDADE E UMA PROTEÇÃO NORMATIVA GLOBAL: GARANTINDO DIREITOS HUMANOS (autor(es/as): **Rafael da Silva Santiago**)

POLÍTICAS PÚBLICAS DE INCLUSÃO E PERMANÊNCIA DE LGBT NAS ESCOLAS PÚBLICAS DO ESTADO DO PARANÁ: UMA REFLEXÃO SOBRE SUAS APLICABILIDADES NO CONTEXTO DA EJA E PROEJA (autor(es/as): **Reinaldo Kovalski de Araujo**)

O MEDO NA CONSTRUÇÃO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ADOLESCENTES DO SEXO MASCULINO DA PERIFERIA DE DIFERENTES ÁREAS URBANAS DE PONTA GROSSA, PR (autor(es/as): **RENATO PEREIRA**)

MR4.5. Sociedades Tradicionais: imagens, tempo, espaço e saberes sobre a natureza

EMENTA

Em sua interação com a natureza, com distintas conformações, as chamadas “sociedades tradicionais” ou as sociedades originárias, constroem, historicamente, em seu universo mental, imaginário e práticas ecoprodutivas, uma cultura própria que envolve o conhecimento e respeito aos ciclos e movimentos naturais, atribuindo significado à sua vida material e imaterial – aos espaços ou territórios de que fazem parte. Isso envolve ritmos de tempo diferenciados dos ritmos caracteristicamente produtivistas que regem as sociedades urbano-industriais, os quais se pautam, fundamentalmente, numa temporalidade cronometrada e aritmetizada – no tempo da fábrica. Contrapor essas diferentes culturas, em sua lógica própria, focalizando, particularmente, as imagens, ritmos temporais, territorialidades e saberes patrimoniais das “sociedades tradicionais” e/ou originárias, significa pensarmos numa política de futuro na qual se inscreva o grande legado que tais sociedades detêm no trato com a natureza, com base em sua cosmovisão, práticas e expressões culturais próprias, para a construção de novas formas societárias, numa síntese histórica, de futuros inéditos.

Coordenadora: Lúcia Helena de Oliveira Cunha: Universidade Federal do Paraná (UFPR – BRASIL)

Carlos Galano: Universidad Nacional de Rosario - (UNR- ARGENTINA)

Carlos Walter Porto Gonçalves: Universidade Estadual do Rio de Janeiro - (UERJ- BRASIL)

Liliana Porto: Universidade Federal do Paraná - (UFPR-BRASIL)

Arturo Argueta: Universidad Nacional Autónoma de México - (UNAM-MÉXICO)

www.cepial.org.br

15 a 20 de julho de 2012

Curitiba - Brasil

RESUMOS APROVADOS

MULTICULTURALISMO, TURISMO E COMUNIDADES TRADICIONAIS: CAMPOS DE COEXISTÊNCIA E VIVENCIALIDADE? (autor(es/as): **Isabel Jurema Grimm**)

Seringueiros do Acre - Imaginário e Paisagem Cultural (autor(es/as): **Janaína Mourão Freire**).

AS PAISAGENS CULTURAIS DO/NO ESPAÇO FESTIVO DA COMUNIDADE ENGENHO II EM CAVALCANTE – GOIÁS: UM OLHAR À LUZ DA GEOGRAFIA CULTURAL (autor(es/as): **JORGEANNY DE FATIMA RODRIGUES MOREIRA**)

RECONHECIMENTO DAS ICCAS (ÁREAS CONSERVADAS POR COMUNIDADES INDÍGENAS E LOCAIS) NAS POLÍTICAS DE CONSERVAÇÃO AMBIENTAL: DISCUSSÕES ATUAIS. (autor(es/as): **Luciene Cristina Rizzo**)

MR4.6. História e Literatura na América Latina

EMENTA

Na produção historiográfica recente, a literatura vem surgindo como uma fonte que oferece importantes recursos de análise da sociedade. Incorporada solidamente no conjunto de inovações de fontes, métodos e problemáticas que há algumas décadas transformaram a experiência da pesquisa histórica, a literatura está presente hoje numa pluralidade de estudos que pretendem compreender o intrincado universo das experiências mais subjetivas de homens e mulheres. Na América Latina a literatura tem ocupado importante papel no movimento da sociedade. Seja ela abordada desde o ponto de vista da materialidade do livro, da localização social do escritor, de suas “redes de interlocução”, bem como numa análise dos significados do texto, das representações da realidade que ele traz. Pensar a América Latina desde o ponto de vista dessa relação é a reflexão central que norteia o debate aqui proposto

Coordenadora: Ana Amélia de Moura C. de Melo: Universidade Federal do Ceará (UFC - BRASIL)

Tracy Devine Guzman: Duke University of Miami – (ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA)

Soledad Falabella Luco: Universidad Diego Portales – (UDP - CHILE)

Adelaide Maria Gonçalves Pereira: Universidade Federal do Ceará – (UFC - BRASIL)

Ivone Cordeiro Barbosa: Universidade Federal do Ceará – (UFC - BRASIL)

RESUMOS APROVADOS

Cartas de Nova York - José Martí Correspondente (autor(es/as): **Amanda Leite de Sampaio**)

O TURISTA APRENDIZ, DE MÁRIO DE ANDRADE VERSUS EL ZORRO DE ARRIBA Y EL ZORRO DE ABAJO, DE JOSÉ MARIA ARGUEDAS – UMA APROXIMAÇÃO LITERÁRIA E SOCIOLÓGICA NO PANORAMA LATINO AMERICANO (autor(es/as): **CRISTIANO MELLO DE OLIVEIRA**)

O espaço da ficção na identidade em invenção e memória, de Lygia Fagundes Telles (autor(es/as): **Fernando de Moraes Gebra**)

Jorge Luis Borges e o Populismo Argentino (1946-1955) (autor(es/as): **Fernando de Moraes Gebra**)

Bahia 1860: o Brasil de Maximiliano (autor(es/as): **Flávia Silvestre Oliveira**)

OS INTELLECTUAIS E A NOVA ATENAS: Um estudo das representações nas obras dos literatos maranhenses no início da Primeira República (autor(es/as): **PATRICIA RAQUEL LOBATO DURANS**)

MR4.7. - Interculturalidade, Identidades e Arte Latinoamericana.

EMENTA

A mesa propõe-se a discutir as questões anunciadas, do ponto de vista da crítica de arte e dos artistas, aqui representados por Hector Guido (teatro) e Pavel Egúez (artes plásticas). A partir do enfoque das políticas de subjetivação e suas interfaces (Suely Rolnik) e da interculturalidade que se acentua na resistência da arte em tempos globais, observada, sobretudo, nas zonas transitórias (Ticio Escobar), quer desencadear o debate sobre os recursos críticos e expressivos que se manifestam na arte atual da nossa América, frente ao “esteticismo brando” regido pelos mercados globais, que desvia o capital simbólico e gera territórios homogeneizados

Coordenadora: Mariza Bertoli – Universidade de São Paulo – (USP – BRASIL)

Maria José Justino: Escola de Música e Belas Artes do Paraná - (EMBAP-PR - BRASIL)

Ticio Escobar: Ministro da Cultura do Paraguai - (PARAGUAY)

Hector Guido: Diretor de Cultura de Montevideo - (URUGUAI)

Gustavo Pavel Egúez: Artista Plástico - (EQUADOR)

RESUMOS APROVADOS

Entre balas e belas - Comunicação e Moda nas favelas cariocas (autor(es/as): **Alexandra Santo Anastacio**)

PAISAGENS CULTURAIS E FRONTEIRAS (autor(es/as): **Beatriz Helena Furlanetto**)

INDÍGENAS: ENTRE REPRESENTAÇÕES E DISCURSOS (autor(es/as): **Eder Augusto Gurski**)

DE LA CULTURA ORAL A LA DIGITAL: SABERES, MEMORIAS Y NARRATIVAS EN LA TRANSCULTURA. PERSPECTIVAS DESDE LA UNIVERSIDAD INDÍGENA DE VENEZUELA (autor(es/as): **Fabiana Anciutti Orreda**)

O ATOR E O GRUPO: DISCURSOS SOBRE O TEATRO FEITO NA UNIVERSIDADE (autor(es/as): **JEAN CARLOS GONÇALVES**)

FESTAS POPULARES E SUAS REPRESENTAÇÕES IMAGÉTICAS: LUGAR DE PROMOÇÃO DO PERTENCIMENTO E VALORIZAÇÃO DAS CULTURAS SUBALTERNAS. (autor(es/as): **Katia Maria Roberto de Oliveira Kodama**)

ASPECTOS DA ECONOMIA CRIATIVA NO MERCOSUL A Indústria Fonográfica como fator de aproximação entre Brasil e Argentina (2003 – 2011) (autor(es/as): **marcello de souza Freitas**)

SUSTENTABILIDADE CULTURAL: MANUTENÇÃO, CONSERVAÇÃO E DIFUSÃO DE PEQUENOS ACERVOS - RELATO DE EXPERIÊNCIA (autor(es/as): **Rafael Schultz Myczkowski**)

FALA JUVENTUDE! UM ESTUDO SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE JUVENTUDE, CULTURA E LAZER (autor(es/as): **Sandra Rangel de Souza**)

O Autorretrato Ampliado (autor(es/as): **Terezinha Pacheco dos Santos Lima**)

www.cepial.org.br

15 a 20 de julho de 2012

Curitiba - Brasil



ENTRE BALAS E BELAS

Moda, comunicação e políticas públicas nas favelas cariocas.

Reorganizando os espaços do Rio de Janeiro após a
implantação da política de segurança Unidade de
Policia Pacificadora (UPP).

Alexandra Santo Anastácio

24/06/2012

O presente artigo aborda a comunicação e a moda como objetos heurísticos, ou seja, representativos da cultura como um todo e utilizados como tal durante a pesquisa ação participativa da mestranda Alexandra Santo Anastácio (ECO-UFRJ), orientanda da prof. Dra. Nízia Villaça, na análise do caso Costurando Ideais e o projeto de política pública Rio Economia Solidária (RIO ECOSOL) nas favelas do Rio de Janeiro em seus grupos informais de artesanato e moda.



I) INTRODUÇÃO

Periferia ou Comunidade? Novas denominações para uma antiga realidade. Favela, como nos acostumamos a chamar as áreas ao redor da cidade, sem saneamento básico, pobres, habitadas por trabalhadores de baixa renda e pela indústria da droga e do crime. Essa área urbana, degradada, caracterizada por moradias precárias, ao participar da nova forma e modos de organização dos espaços das grandes cidades na contemporaneidade, oferece a pesquisadores, a possibilidade de uma reflexão crítica sobre o centro e a periferia e um olhar mais acurado na análise dos conceitos de identidade no novo século.

Se comunicação e a cultura espetacular do mercado determinam a dinâmica de inclusão e exclusão entre o centro e os espaços periféricos, a visibilidade oferecida pelas mídias embora ligadas a um forte discurso de poder parece apresentar a oportunidade para uma nova produção de sentido entre os habitantes da cidade em direção a um olhar voltado a “celebração” de produções culturais, agenciando, portanto, singularidades diferenciais. Assim, os dois lados da cidade coexistindo no mesmo espaço urbano poderiam contribuir para desalojar o sistema social de suas relações clássicas, provocando novas articulações.

Geralmente os sistemas de comunicação tendem a produzir relatos ligando periferia à violência, criando uma narrativa que contribui para a criação e preservação dos estereótipos sociais colaborando na realidade para a manutenção da ordem social e o sistema de desigualdades. Os habitantes das comunidades ficam assim identificados como “os outros”, perigosos, bandidos, excluídos da sociedade burguesa de consumo, detentora dos símbolos de status e poder.

Em relação a produções culturais, a moda representada pelo artesanato desenvolvido em grupos de comunidades periféricas, surge como rico material para objeto de estudo relacionado à produção de singularidades, sendo nesta complexa rede que se inscrevem nossas questões referentes ao mercado da moda e da política periférica, procurando captar os sentidos da hibridização na sociedade contemporânea quando a cidade partida abre espaço para outras negociações. (VILLAÇA, 2008:45).

A interculturalidade como prefere Canclini (2002) ou o discurso multiculturalista, segundo Tomaz Tadeu (2000) se apoia em um apelo a tolerância e a convivência pacífica a despeito das diferenças culturais, citando-os apenas como dados ou fatos da vida social



e não como uma crítica política e econômica da identidade. Entretanto, todo exercício de poder embora restrinja e simplifique ao mesmo tempo constrói possibilidades de alternativas, sendo esses os dispositivos capazes de construir a reação à hegemonia conjugados com o que Muniz Sodré chama de capacidade de ação transformadora do homem (2002) e que Raquel Paiva (2008) defende como possibilidade de humanismo prático. *“O “humanismo prático” consiste na compreensão e aproximação das diferenças sociais. Adaptado a singularidade do homem no espaço, ele é da ordem da emoção, do sentimento, do pertencimento e da proximidade com o outro. É nesse sentido que se entende humanismo aqui, estando conjugado a cidadania.”. (PAIVA & NÓRA, 2008:13)*

Em relação a políticas públicas, faz-se necessária uma prática reflexiva diante dos modelos e estratégias desenvolvidas em comunidades periféricas por entidades não governamentais (ONGs) e programas propostos pelo Estado tais como Favela Bairro, Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) e as Unidades de Polícia Pacificadora (UPP). Todos esses programas buscam aparentemente a união dos dois lados da cidade, seja urbanizando-a, pacificando-a ou incluindo-a no processo de consumo para permitir participação no processo social. Mas qual o melhor recurso a ser utilizado nesse processo? A questão que se instala é: o que de fato tem sido realizado visando o desenvolvimento de uma real sustentabilidade e responsabilidade social, atribuindo aos próprios atores uma maior participação na estrutura desse processo?

Na contemporaneidade, a cultura parece ser a resposta. Circulando globalmente numa velocidade estonteante, gerenciada pelo setor não governamental, os atores sociais a tratam como a possibilidade de proporcionar a atenção necessária para tirar as favelas e seus habitantes do local que ocupam na pirâmide social, possibilitando uma perfuração na blindagem étnica, cultural, local, religiosa e simbólica que ocupam no cenário contemporâneo. Poderia a cultura modificar as anomalias estruturais de uma cidade?(Teixeira Coelho, 2010) Como construir a ponte entre favela e cidade já que com muita cultura talvez as cidades se transformem em meros espetáculos e sem cultura, cidades paranoicas, usando a expressão de Canclini? Não seria a educação, o recurso a ser utilizando nesse processo? Como costumava afirmar Paulo Freire (1967), *se a educação sozinha não pode transformar a sociedade, tampouco sem ela a sociedade muda.*

Pode-se perceber pelos resultados alcançados até o momento em grupos informais de moda nas favelas, em projetos pontuais tais como os implantados pelo SEBRAE, utilizando-se apenas da “vivência” das mulheres dos grupos e suas técnicas artesanais e depois apresentadas em eventos tais como Fashion Business e até mesmo em feiras



internacionais em união ao trabalho de um estilista reconhecido como especialista na moda, que todos esses grupos até o presente momento, não se estabeleceram no mercado sem conseguir levar a frente o trabalho. Até mesmo o grupo Coopa Roca da Rocinha liderado por Maria Tereza Leal e reconhecido como o “que deu certo”, encontra-se em situação precária sem manter no cotidiano o sucesso publicado em jornais nacionais e internacionais.

De qualquer forma, é patente o trânsito entre os dois espaços. Regidos pela lei do consumo os dois lados se misturam, a nos cabe examinar a questão dos imaginários produzidos refletindo sobre o conceito de periferia, cidadania e o lugar das novas articulações comunicacionais assim como no papel que as novas mídias assumem na formação e desconstrução das subjetividades e representações sociais, partindo do conceito da comunicação como integrante do plano sistêmico da estrutura de poder. (SODRÉ, 2002:15)

Identidade parece ser a palavra chave enquanto a periferia também segue desconhecendo o caminho para a diversidade e procurando ser culturalmente única em um mundo que mostra apenas o caminho para a massificação e universalização, seja na mídia, através do consumo, no discurso vigente. Como ser particular dentro de um universo cada vez mais homogêneo? Assim responde Nizia Villaça, “*A informação que engendra e estrutura a percepção sobre o tema centro-periferia, e a forma como é tratada e disseminada, vem permeada de valores, crenças, normas, interpretações e reflexões que modelam uma forma de pensar e conhecer, como demonstram o registro de vários episódios que se constroem em diálogos com a opinião midiática.*” (VILLAÇA, 2012).

Podemos, assim, iniciar uma possibilidade de debate em relação ao papel da comunicação e da moda no período pós-implantação da política de segurança pública UPP no processo de inclusão social dos moradores das favelas cariocas em uma reinserção a vida da cidade.

II) Notícias sobre a favela Santa Marta

O presente artigo pretende abrir uma possibilidade de debate em relação ao papel da comunicação e da moda no período pós-implantação da política de segurança pública UPP no processo de inclusão social dos moradores das favelas cariocas em uma reinserção a vida da cidade.

Durante os anos de chumbo da ditadura do tráfico, os espaços da cidade chegaram a ser divididos de tal forma pela violência que nos acostumamos a chamar o Rio de Janeiro; Rio, a Cidade Partida. Após a pacificação policial existe em andamento



nesses territórios outro processo, a UPP Social, idealizada e construída com o objetivo de integrar as favelas a vida da cidade utilizando um canal cultural-educacional ao mesmo tempo em que novos projetos públicos pretendem valorizar o trabalho artesanal e artístico, incluindo os habitantes das comunidades socialmente por um viés marcado pela implementação de incentivo ao trabalho.

Antes informal e confinado entre os muros das favelas, a produção cultural periférica chegava ao conhecimento público, eventualmente, através de matérias esparsas em revistas, jornais e canais de televisão, celebrados como um aparente triunfo das periferias cariocas.

Após novembro de 2008, quando o Programa Nacional de Segurança Pública, teve início no Rio de Janeiro, um processo de pacificação das favelas cariocas com ponto de origem no D. Marta lançou uma nova possibilidade de integração entre os habitantes na cidade.

A partir daí novas dinâmicas entre o morro e o bairro de Botafogo, onde está localizada, e outras localidades da Zona Sul, Zona Norte e Zona Oeste, começaram uma lenta, porém progressiva transformação. Atualmente o tráfico não é mais das drogas e sim de pessoas, moradores da cidade e turistas em um movimento que permite a comunidade uma maior integração a área urbana do Rio de Janeiro.

Como não poderia deixar de ser, a imprensa está com o foco diretamente posicionado a qualquer notícia que parta do local e as novas mídias, especialmente, as redes sociais como o facebook, podem ser consideradas como ponte nessa relação, papel fundamental da comunicação, estabelecer esse trânsito entre a população, setor privado e Estado na busca da integração entre incluídos e excluídos da sociedade. (Yúdice, 2006)

Notícias das favelas no ar vinte e quatro horas por dia nas redes sociais e páginas de jornais ou rádios comunitárias, jornais independentes, blogs e sites estabelecem uma ponte de comunicação entre ONGs, associações, ativistas sociais, artistas, músicos, moradores das favelas e das áreas urbanas, brasileiros ou estrangeiros, todos podem se ver, ouvir, falar em uma rede de notícias, fatos, fotos e informes antes considerados pouco prováveis, na contemporaneidade, passam a ser a realidade e novas mídias forçosamente criam novas relações.

“À aceleração do processo circulatório dos produtos informacionais (culturais) tem-se chamado de comunicação, nome de velha cepa que antes designava outra ideia: a vinculação social ou o ser-em-comum,



problematizado pela dialética platônica... pela palavra comunidade. Daqui parte a comunicação de que hoje se fala mais vale precisar que não se trata da mesma coisa- ela agora integra o plano sistêmico da estrutura de poder". (SODRÉ, 2002,15)

Certamente o avanço tecnológico desalojou o sistema social tradicional de espaço-tempo e trouxe os processos comunicacionais para o centro da discussão formada em torno da compreensão das novas formas e modos das relações sociais e do papel que as novas mídias assumem na formação e desconstrução das subjetividades e representações sociais. No Rio de Janeiro do novo século, após a instalação das Unidades de Polícia Pacificadoras (UPPs) nos morros da cidade, os dois fenômenos se encontraram. De um lado, moradores do asfalto se sentem com liberdade para transitar entre as áreas da favela-cidade sem medo dos tiros disparados a qualquer momento pela força "militar" do tráfico e os habitantes das favelas mais confiantes em passar informações da sua comunidade sem a ditadura do silêncio imposta pelo crime, nas redes sociais todos se encontram e agenciam singularidades diferenciais.

Durante os últimos dois anos, participo do cotidiano da comunidade Santa Marta coletando dados para a pesquisa. Por mais ou menos uma no e meio, trabalhei de forma voluntária, coordenando a moda e estilo de um grupo comunitário de costureiras, o Costurando Ideais podendo assim constatar de dentro do processo, utilizando a metodologia da pesquisa ação participante, a dificuldade que os moradores das favelas possuem em sua relação com os que consideram "de fora" e dificilmente responderão perguntas abertamente, de forma sincera para questionários acadêmicos ou relatarão suas próprias histórias ou acontecimentos da comunidade para jornalistas ou estudantes.

No universo das favelas, a dificuldade existente em perfurar a blindagem construída por anos a fio pelo medo do tráfico e da polícia, preconceitos em relação à cor e a condição social, desprezo pelos moradores do asfalto e poder público ergueram muros altos e sólidos. Como perfurá-los para que o olhar alcance ao menos um pequeno aspecto desse amplo panorama? Sentimentos construídos e destruídos em anos de relação de dominação não apenas econômica, mas cultural.

Apenas após que laços de confiança foram estabelecidos e depois da ocorrência de uma convivência em termos de resolução de problemas, apoio nas dificuldades, colaboração de questionamentos na troca de saberes, divisão de bons e maus momentos



no trabalho, mesmo que algumas vezes se esqueçam e me digam que sou de fora, consideram-me “da comunidade”, diferente dos de “fora” mesmo que ainda diferente dos da favela. Por isso afirmo que pesquisadores, mesmo os que se propõem a realizar uma pesquisa etnográfica, em uma comunidade pacificada ou não, dificilmente representarão a realidade da complexa vida de uma favela onde diversos poderes disputam dia a dia o território, o mesmo servindo de exemplo para jornalistas.

A favela se esconde atrás de um discurso ensaiado mesmo por parte dos politicamente engajados. Atrás dos muros de preconceitos, dão respostas prontas, algumas vezes ainda por receio do poder do tráfico, algumas vezes por vergonha da humilhação de sua realidade social, outras por considerarem os de “fora”, *“uns aproveitadores que pensam que estão abafando”*, respostas calcadas em defesa pessoal, em proteção seja de que forma for. A comunidade se protege dos de fora.

Produtor cultural e guia turístico, 30 anos, nascido e criado no Santa Marta, Thiago Firmino afirma com muita convicção que os jornalistas querem as notícias atualmente porque a favela está na moda e além do mais eles próprios estão curiosos e querem conhecer o trabalho das UPPs nas favelas. *“Ninguém sabe o que vai sair daí. As UPPs são boas ou ruins, vão continuar depois da Copa do Mundo e das Olimpíadas”?* Thiago tem bons contatos na imprensa, já deu muitas entrevistas, conhece vários apresentadores de programas de televisão. Em sua laje cultural, as festas “bombam” e vários artistas famosos já a alugaram para festas particulares ou eventos sociais.

Caio Barreto Brito, repórter da revista Veja, ficou hospedado duas semanas na casa do irmão de Thiago e na matéria que resultou dessa estadia, Caio assim descreve a casa de Firmino, “Em sua casa de três andares e cinco cômodos, moram quatro pessoas. Lá dentro, há ar condicionado e televisão nos dois quartos,... chegou a receber, em um dia, mais de 300 reais. “A UPP fez bem para o meu bolso”, reconhece”. O repórter só esqueceu-se de mencionar que a casa de três andares não é ampla. Na favela não há espaço e as construções grudadas umas nas outras, só podem mesmo crescer para cima. E também não ouviu Thiago comentar se divertindo, *“o cara acha que em duas semanas na favela vai ficar sabendo tudo do morro, é mole isso meu irmão”?* (Revista Veja Rio, 26 de janeiro de 2011).

Já em final de 2009 quando do início da pesquisa, ao entrevistar as participantes do grupo Costurando Ideais, percebi por suas declarações, concedidas em entrevista um ano após a ocupação ter iniciado que a comunidade não estava acreditando na política de



segurança e tinha já formada uma opinião sobre o papel da mídia no processo. Sonia de Oliveira, na ocasião líder do grupo afirmou, *“nunca adiantou nada mesmo, nenhum projeto, nenhuma ONG quis mesmo nos ajudar. Queriam mesmo era fazer alguma coisa que parecesse solidária só para aparecer na mídia.”* E continuou dizendo que as notícias publicadas nos jornais apresentavam um enfoque exagerado, *“eles aumentam a realidade, dizem que o grupo sempre participa de feiras e vende bastante”* e para concluir Sonia afirmou, *“temos bons contatos com a imprensa, eles gostam de notícias sociais”*.

A professora Marta Loureiro, no entanto, participante de vários cursos e projetos que contemplaram o Costurando Ideias lembra as inúmeras vezes em que procurou colaborar com o grupo, tanto de forma solidária como contratada por uma ONG ou instituição municipal, procurando ensinar técnicas, montando desfiles, colaborando com a administração e como as duas “fundadoras” desconfiaram de seus motivos para estar na comunidade e não quiseram aceitar novas participantes, novas formas e modos de trabalho. Compartilho com Marta, após dois anos pesquisando e observando o Costurando e outros grupos de favelas do Rio de Janeiro, a forte impressão do preconceito e me arriscarei a dizer, mágoa, que moradores das comunidades guardam da cidade.

Entretanto, há uma possibilidade de interação, integração e comunicação nas redes sociais entre projetos sociais realizados nas favelas e ONGs, ativistas sociais, estudantes, professores, movimentos sociais. Utilizando-se do facebook, sites e blogs muitos moradores podem se conectar inclusive por telefone celular a qualquer momento tanto a cidade como o país e o restante do mundo. Assim, divulgam eventos, trocam informações sobre editais para projetos, publicam as notícias que eles mesmos escrevem e fotografam nos blogs. Inclusive, há disponível um farto material de imagens por parte de fotógrafos residentes nas comunidades que tem frequentado cursos oferecidos por ONGs, associações, projetos culturais. E o “outro” lado pode também perceber uma diversa realidade.

A parte da opinião que os “favelados” desenvolveram em anos de convivência com ONGs, *“a gente não tem a menor ideia do que a maioria dessas ONGs fazem aqui”*, algumas tem capacitado jovens entusiasmados com as possibilidades da Internet, treinando-os para realizar seus próprios filmes e documentários, a exemplo do projeto “5 X favela, agora por nós mesmos”. Projeto cultural “A Luz Mágica” coordenado por Renata



de Almeida Magalhães, “Dessa forma, o que poderia ser entendido como um simples e nobre ato de solidariedade social se transforma, verdadeiramente, num projeto artístico de primeira qualidade que integra, capacita e dá voz aos moradores das favelas cariocas...” (5XFavela agora por nós mesmos, Cobogó, 2010, 17) o fato é que passa a existir um novo canal de comunicação, tornando comum a informação para todos.

Outra ex-moradora da comunidade, cunhada de um ex dono do morro, atualmente frequentando a comunidade em visitas a mãe, deu o seguinte depoimento para a pesquisadora no dia 30 de julho de 2011, *“O jornal aumenta, mas não inventa não, fala a realidade só que o jornalista, ele vai buscar a notícia e nem sempre a notícia é a realidade não”*. Quando a pesquisadora pediu que explicasse melhor recebeu a seguinte resposta,,, *“por exemplo, eles vão buscar a notícia, no lugar lá foi baleada a pessoa, aí se essa pessoa for inocente e a polícia decidiu jogar um flagrante nessa pessoa, aí realmente, se ela for inocente a comunidade vai lutar por ela mas no jornal ele vai ser dado como traficante, você está me entendendo?”*

A realidade nem sempre é a verdade. Dessa forma, a comunidade vive sua história nessas décadas de ocupação pelo tráfico. Na ocupação militar há desconfiança e receio, *“até quando eles vão ficar, até quando a mídia vai continuar se interessando pelas notícias sociais das favelas”?* No Complexo do Alemão, o articulador social, afirma que a mídia procura o que vai *“fazer barulho, estão pouco interessados na verdade ou na realidade dos problemas sociais, das dificuldades das crianças e jovens, das histórias fabricadas pelas ONGs que fingem realizar projetos para o bem estar da comunidade.”* Parece corroborar a ex moradora do Santa Marta, ao dividirem a certeza de que os jornalistas (na visão dos moradores das favelas) relatam o fato sem se importar se é verdadeiro ou não, o que aconteceu antes, o que acontecerá depois, no relato de um fato congelado como se ele apenas existisse naquele momento. Na Cidade de Deus, mais uma vez ouço a afirmação no de um senhor, ele mesmo líder de um projeto social bastante antigo na favela, *“eles só se interessam pelo que interessa a eles”*.

Interessante notar que, críticas aos jornalistas e meios de comunicação oficiais á parte, todos os entrevistados acreditam no novo olhar e nas novas possibilidades de informação possíveis a partir da Internet, assim confiam que poderão mostrar o que realmente acontece na favela. Uma moradora do Complexo do Alemão, artesã, líder comunitária, presente em várias iniciativas de projetos sociais tanto de dentro da comunidade como de órgãos públicos, conta como ocorreu a cobertura pela imprensa em relação à ocupação militar em novembro de 2010 pela UPP, a falta de acesso que os repórteres presentes



tinham as notícias e a relevância da participação do jovem Renan, morador do Alemão que ao transmitir pelo twitter o que acontecia dentro da favela contou *“um pouco de realidade com a voz e o olhar da comunidade”*.

A questão entre o papel da comunicação e a integração da sociedade pelo viés da informação se instala: inúmeros conflitos a serem dissecados, pesquisados, analisados. Farto material de pesquisa nesse novo momento na história do Brasil em que tantas novas organizações de espaços e poderes estão se constituindo. No entanto, para que mudanças de paradigmas aconteçam no que parece ser uma oportunidade para tanto, é preciso conhecer a fundo a memória e a história das favelas do Rio de Janeiro.

Em uma reunião com um grupo de jovens empresários que passaram a se reunir uma vez na semana em uma associação informal que denominaram de Hubs, para de forma solidária fazer “algo” pela cidade, outra moradora do Santa Marta. Graduada em turismo e atualmente finalizando uma pós em Auto Gestão na Fundação Getúlio Vargas, Sheila Souza deu o seguinte depoimento: *“Nunca foi proibido entrar no morro como vocês de fora costumavam dizer, proibido não era, era perigoso e nós tínhamos que viver aqui, com perigo ou não. Vocês tinham a escolha e nós nos sentíamos largados pela cidade. Agora quando vemos gente de fora aqui, logo pensamos: agora que está bom, cada um vai querer alguma coisa de nós em seu próprio benefício e de novo vão desprezar as pessoas da comunidade”*.

Portanto, como demonstrado no relato acima, as pesquisas e até mesmo reportagens jornalísticas a serem realizadas nesse novo contexto podem servir a várias causas. Mas para que sejam efetivamente conhecimento colocado a favor da comunidade, da cidade e do país, objetivando uma possível transformação da realidade da sociedade necessitam de uma análise e coleta de dados mais profunda que não fique apenas na superfície dos fatos, mas que os permeie. Ainda existem muitos invisíveis muros e não serão derrubados com indiferença e visitas esparsas. Muitas e complexas são as questões da herança deixada pelo crime, abandono por parte do poder público e da sociedade.

Para que pesquisadores consigam coletar dados acurados é preciso, em primeiro lugar, ser aceito pela comunidade como “do morro” se não talvez estejam coletando dados fabricados, apenas *“para que nos deixem em paz”*. Na nova organização do Rio de Janeiro no novo século, ao entrarmos em favelas ou bairros periféricos, devemos levar em consideração, o que Raquel Paiva (2008) nomeou como a aplicação de um



“humanismo prático”, o que Sodré (2002) chamou de “capacidade de ação transformadora do homem.”

Raquel Paiva e Muniz Sodré (2010), em artigo sobre um projeto de gênese da educação e comunicação comunitária, apontam para a abertura de novos caminhos do social pelas práticas do cotidiano, observadas nas comunidades. Para eles, a grande importância dos hábitos, do convívio comunitário com grupos diferenciados e as novas maneiras de consumo de mídias estão no auxílio à educação, em um processo mais aberto de construção e decisão por parte do usuário, que vai além das instituições mediadoras (família, escola, universidade, religião, grupos familiares), o que corrobora com a visão de Michel de Certeau (1993) de que, para além das formas de aprendizado tradicionais, os jovens são afetados pelas práticas e invenções do cotidiano.

Ao falar do aprendizado pela experiência, na realidade, Charles Sanders Peirce (1989), usando as bases do pragmatismo¹, já abordava a importância dos assuntos da vida prática, como uma espécie de lógica para os processos de mudança dos hábitos pela experiência, usos e apropriações. Assim, a prática funciona como possibilidade de fundamentar a previsão de uma teoria, em relação com o possível uso futuro de uma experiência já adquirida.

III) Costurando Ideais no Santa Marta entre a teoria e a prática

Cheguei à favela no final de novembro de 2010 para colaborar no desfile em comemoração a dez anos de existência do grupo comunitário de moda e artesanato “Costurando Ideais”. Na realidade, já conhecia o grupo há cinco anos e fui me aproximando aos poucos. Encontrava suas integrantes em feiras, comprava seus produtos e começamos a nos conhecer. Como elas faziam parte de um projeto social de uma empresa com a qual possuía uma estreita relação estava sempre de posse de informações referentes ao grupo. Acabei contratando algumas vezes seus serviços de confecção.

Sempre me interessei por moda, trabalhei com estilo e compras durante anos e quando decidi voltar a estudar, pensei no grupo como objeto para meu projeto. Assim, nossas relações se estreitaram ainda mais, as costureiras gostavam dos modelos que pedia para

¹ Entende-se por pragmatismo um movimento filosófico, nascido nos Estados Unidos, com James Peirce (1839 – 1914) e William James (1842 – 1910), que tem por ideia útil tudo o que possa ser colocado em prática e depois popularizada com o instrumentalismo de John Dewey e, mas recentemente, repensado pelo neopragmatista Richard Rorty.



confeccionar e cada vez mais, afluía em mim meus esquecidos e relegados dotes jornalísticos e políticos.

Outra questão deixada de lado no decorrer da vida, política e inclusão social, todos esses interesses foram se aglutinando em um único projeto. O grupo começou a me convidar para representa-las em reuniões com órgãos do governo. Talvez aí esteja à primeira questão, talvez por se sentirem “mal” representadas por si próprias, procuraram na mulher do asfalto, bem vestida e bem nascida, com as adequada aparência e relações sociais, uma saída para o sentimento de por serem do morro, mal vestidas em relação ao “povo” da moda, sentirem-se excluídas em seu próprio ambiente.

Nas reuniões com políticos, empresários, representantes de ONGs, fóruns de economia solidária, entre grupos de outras favelas mais politizados e organizados, não se sentiam capazes de ali estar mesmo de posse de um discurso, algumas vezes até arrogante de não dar importância para esse tipo de questão. Clamavam não “ligar para aparências” e saber se relacionar com qualquer nível social recolhiam-se na hora que convocadas e pediam minha presença.

Interessada nos dados da pesquisa, comparecia. Ao mesmo tempo, ouvia suas histórias de vida e pensava em reunir em um só local tudo o que me interessava: a moda, minha preocupação e interesse com a questão social, minha pesquisa. Tudo parecia colaborar e assim mais e mais me envolvi.

Depois do desfile, já aprovada no processo seletivo, iniciei a coleta de dados. Estava de férias e desejava também me profissionalizar em relação à moda, aceitei participar do grupo, convite feito pelas integrantes do grupo Sonia Maria de Oliveira e Lurdes de Jesus, participantes do Costurando desde sua fundação. Insatisfeitas com a professora de corte e costura contratada pela ONG italiana Peris, na ocasião, suporte do grupo, buscavam liderança e representação, sentiam-se mais uma vez “exploradas” pela professora. Acusaram-na de levar materiais, de não dar as aulas, de se beneficiar das instalações e maquinário em benefício próprio e pediram minha intervenção. Fui eu que falei com a professora, coloquei a posição do grupo e pedi já que seu contratado com a ONG italiana ARCI, projeto Peris tinha finalizado o que escolhia: seu afastamento ou sua aproximação voluntária. Daria aulas para a comunidade voluntariamente e assim estaria autorizada a usar maquinário e aviamentos ou se afastaria? Optou pelo afastamento. Permaneci e assim uma trajetória enriquecedora, complicada, surpreendente, algumas vezes quase impossível teve início.



Na mesma ocasião iniciava-se em quatro territórios- Santa Marta, Manginhos, Complexo do Alemão e Cidade de Deus, um projeto de integração das comunidades através de uma formação em economia solidária e inclusão social. Como participante e mais uma vez representante do grupo tive a oportunidade de estar ali também como pesquisadora, observando e colhendo dados, que de outra forma jamais poderia ter tido acesso.

IV) RIO ECOSOL NO SANTA MARTA

Para pensar em uma alternativa de construção de um pensamento crítico mais legitimador, resgatou-se o trabalho realizado pelo CEDAC – Centro de Ação Comunitária, em formação de educadores. O Centro nasceu clandestinamente num período de ditadura militar nos anos 1970, com missão subversiva às instituições de ensino que trabalhavam a serviço da manutenção do poder. Porém, sua fundação como instituição legalizada, sem fins lucrativos, só ocorreu próximo aos anos 1980, sustentando-se sob os eixos de atuação do movimento sindical, movimentos populares e pastorais.

No início dos anos 1990, o Centro promoveu uma ampla reflexão sobre suas práticas educativas, conceitos, referências teóricas e sua visão de sociedade. A partir deste momento, o CEDAC adotou uma postura não mais a serviço dos movimentos populares, mas como de um ator social que atua ao lado de outros atores sociais, sem ter como objetivo, substituí-los.

Atualmente, aos 32 anos de existência, o CEDAC defende que, para enfrentar problemas como a pobreza e a exclusão, é preciso uma atuação articulada entre os setores organizados da sociedade civil e as esferas governamentais e para tanto, prioriza ações que promovem o desenvolvimento local/comunitário e tem como missão:

Capacitar e subsidiar os movimentos sociais urbanos para que possam gerar ações políticas e organizativas orientadas para a produção do desenvolvimento, da democracia e da cidadania, através de processos participativos de educação e organização popular, na perspectiva da construção de uma sociedade justa e solidária (CEDAC, 2004, p.5).

De janeiro a setembro de 2011, o CEDAC, em parceria com a Secretaria de Desenvolvimento Econômico Solidário/RJ (SEDES) e o Núcleo de Solidariedade Técnica da UFRJ (SOLTEC), participa de um projeto de Economia Solidária (ECOSOL), no Rio de



Janeiro. A partir de aulas ministradas por profissionais de educação de diversos níveis, utiliza um método baseado na ideologia de Paulo Freire da pesquisa-ação, de forma a transformar a ideia da capacitação técnica de instrução de um homem produtivo, escravo do sistema, para um ser criativo, de pensamento crítico, independente de viver ou não nos trâmites do lucro e capital do sistema capitalista, o que condiz com o pensamento de Lasch (1983) e Sennett (2006). Dessa forma, o curso pretende propiciar aos alunos informações e oportunidades de discussões para que alcancem suas próprias conclusões.

Buscando atingir o cumprimento das metas propostas, foram definidos quatro territórios da cidade para a aplicação do curso: Santa Marta, Manguinhos, Cidade de Deus e Complexo do Alemão, o que, para esse artigo, limitou-se, no estudo de caso, em uma pesquisa-ação da experiência realizada com a comunidade Santa Marta.

Antes da efetiva realização do curso nos territórios, pude observar uma cuidadosa explicação do tema de Economia Solidária, para depois realizar uma preparação de introdução aos conceitos do assunto. Por isso, para haver um maior envolvimento da comunidade com o projeto, antes do início do curso os educadores passaram por todas as comunidades apresentando o formato, profissionais envolvidos e, delimitando, pelas atividades executadas em ações estratégicas, os objetivos e metodologia. Foram introduzidos como metodologia: material didático de filmes, organização de dinâmicas em grupo como metáforas para a realidade (que se assemelham às técnicas psicológicas em entrevistas de empresas), formação de comissões de comercialização e, inclusive, preparação de um seminário que reuniu pessoas das quatro comunidades durante três dias, o que persistiu posteriormente no curso do ECOSOL.

Logo a seguir, houve a realização do Primeiro Festival de Economia Solidária em cada localidade do projeto, unindo prática e teoria, defendendo a filosofia deweyniana de que o “processo educativo é uma contínua reconstrução da experiência, que esclarece e aumenta o sentido desta” (História da Pedagogia, In: Revista Educação, 2010).

Após a feira, teve início o curso de formação do ECOSOL. Cabe analisar a metodologia do curso, baseada no método da ação participativa do Paulo Freire. O ECOSOL baseia-se na construção de conhecimento de forma coletiva, na troca de experiências de vida, pensando na formação de grupos de trabalhos integrados em redes de comercialização no modelo de cooperativismo, visando, pela prática, a construção de um pensamento crítico na comunidade. No processo de tecelagem do conhecimento, o professor funciona como um guia das ideias dos participantes, determinando o que é o



certo, também segundo uma ideologia. Assim, reiterando Muniz (2011), tem um papel de “filtro confiável”, ou seja, os conteúdos das aulas são propostos, mas podem ser modificados de acordo com as necessidades da comunidade.

Como o objetivo de passar da teoria à prática, o aprendizado de conceitos no curso é construído pela vivência. Assim, é imprescindível testar qualquer esquema antes de adotá-lo, para evitar contratempos. Um exemplo que ocorreu no curso, após a realização da primeira feira, foi o problema do peso das barracas dos artesãos, pedidas anteriormente em um projeto escrito pelo ECOSOL, adquiridas pelo setor de logística, as quais pesavam quarenta quilos cada, e eram difíceis de serem armazenadas e transportadas.

Percebi também durante a frequência às aulas (duas vezes por semana de janeiro a novembro de 2010), a evolução da construção de uma consciência política entre os participantes. Como participante, somente após um convívio de oito meses houve uma abertura maior para revelações de questões políticas, apesar da percepção de fora dos conflitos ideológicos existentes no território desde o início.

Se no início do curso as pessoas se mostravam sem expressão ou voz ativa, caladas, sem saber muito bem o que faziam ali, desconfiadas de mais um projeto dos muitos implantados nas comunidades durante anos anteriores (ONGS, SEBRAE) – o que lembra a teoria da Espiral do Silêncio, relatada nas Teorias da Comunicação em que impera a lei do mais forte, do disciplinamento pelo poder –, por outro lado, a partir das trocas de experiências entre alunos-professores, alunos-alunos e teoria/prática novas relações se estabeleceram entre todos, inclusive pesquisadores.

Assim, no início observava-se um comportamento submisso das pessoas da comunidade às instâncias de poder estabelecidas (o poder do capital oriundo do tráfico) ou naturais (no caso pelos líderes comunitários). Noelle Neumann, no livro *A Espiral do Silêncio*, justifica que o silêncio, mesmo com opinião divergente, se deve à opinião pública a qual “vem carregada de juízos de valor, especialmente de opiniões e comportamentos morais que se tornaram acordos sociais inabaláveis – por exemplo costumes e dogmas – que alguém deverá exibir publicamente sem isolar-se quando os assuntos se acham num estado de flutuação” (1984, p. 51). E completa a explicação sobre a passividade e não manifestação do pensamento, quando diz que: “a natureza social da humanidade faz com que as pessoas temam a segregação e desejem ser respeitadas e amadas entre outras pessoas. A pressão contra o isolamento obrigada o indivíduo a observar a posição da



maioria a respeito de determinado tema e suspeitar dela” (Idem). Porém, com o passar do curso a consciência política deu voz a outros participantes.

Porém destaca-se a maior credibilidade do posicionamento dos líderes naturais do território, que são as pessoas com maior sabedoria popular, eleitas naturalmente pelos habitantes ao longo dos anos, que, no caso da comunidade, são os mais velhos, respeitados pela participação da construção da formação do território. Além disso, emergem pelo exercício da metodologia da troca de experiências, novas vozes da comunidade, oriundos de vários níveis de formação (como o papel que a guia de turismo exerce na comunidade ou o do artista plástico pertencente por parentesco ao tráfico originário do morro, que ideologicamente nega suas origens). Assim, notei um aumento da participação efetiva do grupo nas decisões a serem tomadas em conjunto e nas indagações e reivindicações que começaram a se proliferar. Ao longo das reuniões do curso ficou clara uma contradição entre duas vertentes ideológicas presentes no território, numa disputa entre SEBRAE e ECOSOL. Os dois órgãos públicos participaram de cursos ocorridos em momentos distintos na comunidade, apesar de representados no setor comercial pela mesma pessoa. O SEBRAE deseja formar “empreendedores individuais” e o ECOSOL defende a criação de grupos comunitários que trabalhem em sistema cooperativo e em redes de negócios. Enfim, posições diametralmente opostas que acabam por forçar no grupo uma tomada de posição política. Por isso será relatada a experiência prática do ECOSOL, em contraposição com uma instituição de educação em formato tradicional (SEBRAE).

V) SEBRAE E ECOSOL- UM DILEMA POLÍTICO SEM SOLUÇÃO?

O curso do SEBRAE teve início em outubro de 2010, um pouco anterior ao do ECOSOL (janeiro de 2011). Baseado em uma educação formal e tradicional, com aulas expositivas, uso de apostilas e atividades enviadas para casa como tarefa de fixação do conteúdo, produz essencialmente um pensamento individual e capitalista. A ideologia é passada pelo professor, considerado o “expert”, o detentor do conhecimento que não estimula um pensamento crítico, na medida em que a falta de envolvimento e proximidade com o mundo do aluno não ocasiona uma boa retenção do conteúdo no processo de aprendizagem. O SEBRAE representa, assim, a reprodução do modelo dominante, em favor da manutenção da passividade e dos sistemas de poder, tal como revelou, por exemplo a postura de Richard Roarty.

Já com o ECOSOL em curso, como relatado acima, seguindo o método de aprendizagem próximo à proposta pragmática, unindo teoria à prática, com ações na comunidade, houve a promessa de incentivo para a compra de maquinário para um pontapé inicial dos grupos, no final do processo. Nesse momento se instalou a confusão política, na entrada de capital para a prática e quando foi levada em consideração a vivência, fora das dinâmicas em sala.



Figura 1 – Panorama da representação dos poderes no morro e do conflito político.

Considerando a essas formas antagônicas de pensamento sobre a educação, instalou-se um impasse nos participantes. De um lado, a associação dos artesãos, representada por um artesão participante dos dois cursos, preferiu seguir o modelo proposto pelo SEBRAE, em um pensamento capitalista, que visa ao lucro e privilegia os pequenos produtores individuais, sem pensar em grupo e rede, como na filosofia do ECOSOL, levando com ele a figura da funcionária dedicada que, mesmo em uma das dinâmicas de identificação da personalidade de cada um do grupo com um animal, após meses do processo de formação de pensamento crítico, ainda assim se identificou com a imagem de um cachorro, “por ser fiel ao seu dono”.

Na aula prática do curso sobre a formatação do plano de negócios para a proposta coletiva de aquisição do maquinário, o representante dos artesãos, espécie de gerente da empresária, exerce pressão sobre os demais membros do curso, causando um conflito com o resto do grupo sobre o local de receptáculo das máquinas. Para ele o mais adequado seria na casa da empresária do morro, o que já tinha sido decidido previamente em reunião com o grupo dos artesãos. Outra razão para a discussão apontada pelo grupo era a possibilidade de pessoas de fora do processo poderem opinar e participar dos projetos para a aquisição dos maquinários para a comunidade.

Entretanto, os alunos que iniciaram a formação desde o início pelos princípios da Economia Solidária entraram em conflito com os oriundos do sistema S (SEBRAE,



SENAC, entre outros). Ao invés do silêncio, preferiram o enfrentamento, a indagação, a não aceitação.

No caso do Santa Marta, a representante do poder financeiro e, inicialmente, político é a empresária do território, maior proprietária de estabelecimentos comerciais e imóveis, ao mesmo tempo representante do poder do tráfico, como familiar de um dos donos do morro. Ela comanda o grupo dos artesãos e foi denominada pelo SEBRAE, em eleição somente com um dos grupos da comunidade, o dos artesãos, presidente da Associação dos Comerciantes do Santa Marta. Talvez, por isso, os artesãos tenham optado por uma postura seguindo o modelo do SEBRAE, por essa escolha significar o poder político desse grupo. Fora a hierarquia do grupo dos artesãos, composta pela empresária, seu gerente, a funcionária fiel, e os subordinados ao grupo dos artesãos, também pertence à hierarquia de poder do tráfico, apesar de a comunidade Santa Marta ter sido a primeira a ser pacificada na cidade do Rio de Janeiro, em novembro de 2008.

Na verdade, o próprio nome da comunidade reflete ideologias políticas diversas. O nome Morro Dona Marta, vem da ideologia do capital, referente à dona Marta, proprietária das terras, por onde se iniciou a ocupação da favela, no pico do morro, escondido do poder público nos anos 1930. Já o nome Santa Marta vem de uma homenagem à Santa Marta, realizada pelo padre Veloso², na inauguração da Capela também localizada no pico da favela. Recentemente, com a ocupação das UPPs, essa capela foi restaurada para a realização de missas comunitárias, o que representa a volta do poder público. Um resumo do complexo panorama: poder público, poder do tráfico, poder religioso, moradores acuados pela pressão e, por outro lado, moradores que iniciam a tomada de um posicionamento crítico. O conflito permaneceu e não foi solucionado, após a finalização do curso, houve a publicação de um edital para a aquisição das máquinas visando o desenvolvimento dos grupos. Fragilizados com o conflito e sem o apoio dos professores e profissionais do projeto, alguns nem ao menos terminaram de fazer o projeto e nem se inscreveram no edital.

VI) E AONDE ENTRA A MODA NA HISTÓRIA?

Mesmo assim, a partir da ocupação policial em alguns morros e do rompimento do isolamento das favelas em relação ao território mais amplo onde se encontram os bairros uma nova forma de ver se instalou e acabou por proporcionar , mesmo sem que

² Ativista social, adepto da Teologia da Libertação na época da ditadura, movimento contra-hegemônico que ocorreu dentro da própria Igreja Católica, que representa o poder público.



se perceba, o que Gilda de Mello e Souza (1987) nomeou por “espírito das roupas” em uma clara referência ao termo “zeitgeist”³, status intelectual e cultural de uma sociedade em dado momento no tempo.

Em sua tese de doutorado Gilda (1987) definiu como objeto de estudo a moda no século XIX, por ser a partir do advento da burguesia e da Revolução Industrial, o momento da virada na história, o Renascimento, e o trânsito entre área rural e área urbana modificando as relações. A moda, como reflexo anterior a mudança pressentindo a direção cultural que se estabeleceria a partir daquele momento, momento semelhante ao séc. XXI no Rio de Janeiro, no qual, a partir da pacificação dos morros, novas formas culturais estão surgindo, sendo a moda, a que mais uma vez, pressente a mudança e reflete nas produções de grupos comunitários a nova direção. Trabalhando de forma artesanal e com matéria prima reciclada, inúmeras vezes retiradas dos refugos das grandes marcas, tais como retalhos de malha e tecido ou aviamentos que não serão mais utilizados, acabam por promover um novo “espírito das roupas”, traduzindo em seus produtos, o que agora o mundo da moda passou a se apropriar falando em sustentabilidade e materiais orgânicos. Nas favelas, esses materiais são utilizados há mais de dez anos, através de técnicas de bordado, crochê, patchwork; tendências que os grandes estilistas internacionais sugerem ser sua criação inovadora a partir do início do século XXI.

Assim, no Brasil, ao criar e defender uma moda baseada em produtos nacionais indo contra a hegemonia mundial, a ditadura de tendências de cores, tecidos e formas, grupos comunitários valorizam e “criam” uma alternativa de identidade brasileira. Inserindo a moda no momento cultural temporal e em suas ligações com a sociedade, torna-a arte, reorganizando um novo estilo, não mais submetido às regras europeias ou americanas, lembrando a célebre frase de um ícone da moda, “*O estilo está acima da moda*”. Assim, Madame Chanel (1883-1971), ela mesma uma revolucionária a frente de seu tempo, quebrou todas as regras indo de preto a um baile da classe burguesa francesa que vestia apenas rosa e azul em tons pastéis, lembra que estilo é harmonia entre cores e formas, valorização do que existe de mais verdadeiro e representativo da personalidade de cada indivíduo ou da cultura de cada cidade ou país. Isso porque a roupa é uma linguagem essencialmente simbólica, cada classe social, cidade, estado, país representa determinados aspectos culturais por algumas imagens que perpassam a moda. Assim, no

³ A palavra alemã “zeitgeist” pode ser compreendida como “o espírito do tempo”, ou seja, o conjunto de todo conhecimento humano acumulado ao longo dos tempos que se apresenta em um dado momento histórico.



nordeste brasileiro, as rendeiras são conhecidas pela precisão de suas formas, no sul, são as crocheteiras, no Rio de Janeiro as estampas coloridas e florais simbolizando as praias de Copacabana, Ipanema e Leblon. E seria através da apropriação desses símbolos que diversos grupos representam ou são assim representados na relação entre consumo e subjetividade.

Mesmo lembrando que o que impulsiona esse desejo de inclusão por parte das classes menos favorecidas, além de suprir as necessidades mais básicas (alimentação, moradia adequada, saúde e educação) seria realizar o sonho de uma inclusão social maior, simbolicamente representada pela aquisição de bens de consumo de marcas famosas, de modas e modos da Zona Sul carioca, igualando sonhos de consumo a sonhos de inclusão; movimentos resistentes nascidos dentro do quadro hegemônico, encontram um espaço para revelar-se, fazer-se ouvir, sentir-se incluído a vida da cidade. Citando Gramsci em relação sobre ideologia e hegemonia, é na sociedade civil que se legitima ou se contesta a dominação com o consentimento do dominado pela persuasão e não apenas pela força.

A luta pela hegemonia ocorre, portanto, no coração da sociedade civil, lugar de luta pela hegemonia e pela cultura, sendo a cultura uma das instâncias da luta política, nesse caso, a moda, forma cultural e artística, representativa da singularidade, pode ser utilizada como objeto heurístico, ou seja, representativo da cultura como um todo para enfocar a relação entre classes, processos de inclusão e exclusão social no imaginário contemporâneo e em relação aos processos de conhecimento e reconhecimento individual e coletivo.

Pesquisando entre 2010 e 2012, as favelas cariocas (citadas no artigo) observei segundo vários relatos de moradores que durante o período de dominação por parte do tráfico, os jovens menores infratores em conflito com a lei, apropriavam-se de alguns símbolos capazes de permitir que ao estar no asfalto se confundissem aos jovens burgueses. O tênis Nike, as mochilas importadas, as bermudas da Redley, marcas de consumo da juventude endinheirada do Rio de Janeiro utilizadas pelo crime em uma identificação sonhada e forçada.

Conforme relatado em Abusado (BARCELLOS, 2003:347), Marcinho VP comemorou o sucesso das negociações para a gravação do clipe de Michael Jackson no Santa Marta, distribuindo tênis importados para todos os homens da segurança particular durante a estadia do cantor no morro, “a qualidade de um exército se avalia pelos pés.





Hoje é o nosso dia e nós merecemos tirar essa onda”. E ali ficou junto com seu exército ao lado dos policiais, boné, sem cavanhaque, bermuda e tênis importado, cheio de estilo, misturando-se na multidão, igual, normatizado por uma pretensa identidade simbolicamente representada pelos trajes dos detentores do poder.

Na sociedade de consumo da atualidade, a moda seria o melhor exemplo de incorporação das massas, criando o consenso necessário à produção do capital, servindo-se da mídia, e em seu poder para organizar as consciências da massa para criar e recriar esse “acordo” entre as classes sociais. Roupas de personagens de novelas, revistas de moda, jornais, os meios de comunicação são fartos e encontram-se a disposição a qualquer hora, atualmente, a um clique no computador. O que é moda na Europa é moda no Brasil de forma simultânea, não é mais preciso esperar a nova edição das revistas, as fotos e coberturas nos lançamentos dos desfiles das grandes marcas podem ser acompanhadas no momento em que acontecem.

Mais uma questão se instala em outra relação entre dominados e dominantes, lembrando a tese de doutorado de Gilda (1987) e o “espírito das roupas”, em suas pesquisas sobre romances de folhetim e a homogeneidade dos temas, que Gramsci nomeou por “espírito popular criador”, pode-se refletir sobre a relação consumo-produção cultural na medida em que a organização cultural torna coerente a visão de mundo das camadas populares, organizando a vontade coletiva nacional popular.

Mais um exemplo: em 1808⁴ quando a família real chegou ao Brasil, às mulheres da coroa vieram em um navio distinto ao dos homens. A longa travessia realizada em péssimas condições propiciou o aparecimento de piolhos. Infestadas e sem alternativa, a população feminina da embarcação, raspou os cabelos. Sem cabelos e sem contar ao menos com perucas, o navio entrava na Bahia quando uma delas teve a ideia de usar um pano amarrado na cabeça como um turbante. Orgulhosas de sua majestade desceram do navio. No Brasil, as mulheres concluíram que a nova moda era usar turbante e esconderam cabelos limpos, longos e saudáveis por baixo de panos. Recentemente no Fashion Business, pode-se notar nas revistas e páginas de moda na internet como debaixo de um forte calor, mulheres brasileiras, cariocas em sua maioria, calçavam botas até o joelho. Afinal, era inverno e no inverno da Europa a moda era usar botas, sem considerar o frio ou o calor, se a moda é bota na Europa é moda no Brasil. Dominados,

⁴ Episódio histórico relatado no livro do jornalista Laurentino Gomes, “1808 – Como uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão-.”



colonizados pela ditadura imposta pela moda, consenso dos dominados. ‘Todo ato histórico não pode deixar de ser realizado pelo homem coletivo, isto é, pressupõe a conquista de uma unidade “cultural-social” pela qual uma multiplicidade de vontades desagregadas, com fins heterogêneos, solda-se conjuntamente na busca de um mesmo fim, com base numa idêntica e comum concepção do mundo”. (1999, v.1, p.399)

Organizando ativamente a cultura, exercem a liderança intelectual confirmando a hegemonia, grupos dominantes querem continuar dominantes e no caso da moda, os grupos dominados querem continuar dominados confirmando a teoria marxista de Estado como “comitê executivo da burguesia”, ampliada por Gramsci (2001) quando ao perceber a relação dialética entre o homem e o mundo e sua relação com o capitalismo e política, confirmou o surgimento da sociedade civil como “instância de dominação ideológica, responsável pelo conteúdo ético de Estado”. Embora “livres” para escolher entre várias opções disponíveis, “escolhem” o que a classe dominante já escolheu, seguem o modelo ideológico já aprovado. Nos grupos comunitários de moda e artesanato das favelas cariocas, a moda torna-se palco de luta pela cultura.

Mais uma vez, valho-me de minha pesquisa participante no grupo Costurando Ideais para abordar a relação entre moda e políticas públicas.

Nascido nas dependências da Igreja Católica da comunidade em um modelo tradicional das bases da religião, o grupo começou a reunir-se algumas vezes na semana com a chancela da Igreja para aprender ou compartilhar com outras mulheres, bordados, técnicas de modelagem e costura, novos pontos de crochê ou tricô. Na época, a violência do tráfico atingia muitas famílias. É o caso de uma delas que ao perder o marido na guerra entre polícia e crime, viúva e com “*três filhos para criar*”, sem emprego, deprimida, frequentava as aulas, levada por uma amiga para sair da depressão e se profissionalizar na costura. O grupo participou de vários projetos públicos e privados, através de ONGs atuantes no morro conseguiram máquinas de costura e doações de tecidos e malhas, em sua maioria, retalhos de marcas famosas ou apreensões da receita federal doadas pelo Rio Solidário⁵ em mais uma parceria. Durante esses dez anos participaram também de feiras, exposições e inclusive de eventos da indústria da moda como Fashion Rio e Fashion Business em conjunto a outros grupos comunitários em um programa do SEBRAE⁶.

⁵ Obra Social do Governo do Rio de Janeiro, disponível em www.riosolidario.org/ -

⁶ Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas, disponível em www.sebrae.com.br/



Atualmente, o grupo após passar por grave situação financeira e desentendimentos entre as “fundadoras”, movendo-se no movimento contrário a normatização da moda, não conseguiu se estabelecer como marca nem definiu uma identidade própria e após término do incentivo financeiro proporcionado pela ONG italiana, fechou as portas. Ao não definir uma personalidade própria, ao não se apropriar de vez de suas raízes nordestinas e brasileiras e seguir em um caminho de produção de moda com a cara da comunidade e da cidade, tentando ser contra hegemonia e, no entanto desejando seguir a risca as tendências de forma a se sentir incluído no grupo da moda, perdeu o foco. Ficou perdido no limbo entre defender uma identidade própria sem encontrar a saída e desejando seguir a moda, talvez devido a esse conflito de identidade e com a dificuldade de convivência entre as mulheres do grupo (antigas e novas).

VII) PRONASCI e RIO ECOSOL NAS FAVELAS CARIOCAS

O Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania busca enfrentar a criminalidade no país, articulando políticas de segurança com ações sociais, tendo como público alvo, jovens entre 15 a 24 anos. Parte desse projeto, as UPPs instaladas nas favelas cariocas visam a nas palavras de Ricardo Henriques, presidente do Instituto Pereira Passos, atualmente coordenando a UPP Social, “... produzir um novo arranjo urbano para a metrópole do século 21, baseado na integração da cidade e em ações de desenvolvimento ambientalmente sustentáveis, capazes de reduzir a desigualdade.” (RIOECOSOL, 2011, 4)

Escolheram quatro territórios do Rio de Janeiro – Santa Marta, Manginhos, Complexo do Alemão e Cidade de Deus – para implantação de um projeto em economia solidária, RIOECOSOL, de forma a, através da importância dos grupos informais de produção e comercialização para a sustentação da economia da cidade, possibilitar uma mudança de postura, saindo da marginalização em direção à valorização. Aproveitando os produtores já existentes nesses territórios pretendem ao formá-los na economia solidária, promover uma mudança na estrutura capitalista da sociedade de consumo, propondo cooperação, gerando renda para todos além de promover integração com a comunidade que estava, quando em poder do tráfico e afastada do poder público, vivendo em situação de isolamento entre o morro e o asfalto e entre os próprios habitantes das comunidades, em clima de tensão e desconfiança entre todos.

As integrantes do grupo informal de costura Costurando Ideais, já reduzidas a três mulheres da época da fundação (as novas integrantes formadas pelo curso da ONG



italiana desligaram-se do grupo ainda no início do projeto Rio EcoSol devido a problemas de relacionamento interpessoal) participaram das aulas de formação e das feiras de comercialização. Logo também, se desinteressando das aulas, de novo, me pediram para representá-las. Assim, como forma de me inserir no processo e utilizando o método de pesquisa ação participante, buscando uma forma de participação e sem saber costurar ou bordar, utilizei meu conhecimento e paixão pela moda para produzir desfiles com as meninas jovens da comunidade.

Durante alguns desfiles realizados para os eventos, teve início entre todos os “alunos” a partir do processo de conscientização política de cidadania, a tentativa do desenvolvimento de uma identidade entre os territórios participantes do projeto, relembrando; Cidade de Deus, Complexo do Alemão, Manguinhos e Santa Marta. Uma “cara da moda” começou a surgir da troca de experiências entre os participantes do processo e o que se mostrava como dificuldade para o Costurando Ideais, o desenvolvimento e manutenção de uma identidade mais próxima da realidade do grupo, ganhou forma nos desfiles propostos pelos coordenadores do projeto. O uso de materiais reciclados foi uma das formas escolhidas de produção, já que esses materiais estavam disponíveis nas dependências do Costurando e eram também condizentes com os conceitos de reaproveitamento de materiais do curso de economia solidária que frequentávamos. Partindo de caixas de leite começamos a desenvolver moedeiras, bolsas, mochilas, unindo artesanato, arte e moda. Partindo de formas “da moda”, em outras palavras, seguindo as tendências ditadas pela moda, criamos produtos, inovando e recriando, contra hegemonia dentro da hegemonia, lutando pela cultura nacional dentro do próprio local de dominação, lugar onde os grupos dominados lutam contra os dominantes. “E a novidade introduzida por Gramsci não diz tanto respeito à questão da hegemonia, já abordada por Lênin, mas ao fato de que a hegemonia enquanto figura social- recebe agora uma base material própria, um espaço autônomo e específico de manifestação.” (COUTINHO, 1992, 77).

Mãe de uma das meninas da comunidade que também participam do projeto ao atuarem como manequins nos desfiles, Leila afirma *“que a UPP é ao mesmo tempo, boa e ruim”*. Exemplifica citando o fato de que atualmente todos os moradores podem sair e entrar na hora em que desejarem, mas que *“as pessoas da comunidade tem uma visão da polícia militar muito ruim, porque foram anos morando na comunidade levando tapas na cara, vendo pessoas sendo mortos, muitos inocentes”*. Quando questionei se Leila considerava que as UPPs estavam falhando em sua atuação na comunidade, ouvi: *“falhando? Acho que eles estão fazendo o trabalho deles, cumprindo as regras deles, por*



exemplo, não vemos mais armas aqui dentro, ninguém é maluco de ficar andando armado, mudou muita coisa, muita coisa mesmo, as pessoas têm mais tranquilidade, antigamente as pessoas não podiam ficar até tarde nas ruas, até podiam porque não era proibido, era perigoso.” Leila, cunhada de um dos antigos donos do morro, hoje afastado do crime, morando forma do morro e evangélico, fala com a autoridade de quem viveu lado a lado com o crime e o tráfico. A entrevista ocorreu durante o deslocamento da equipe do desfile que reunirá todos os territórios participantes do projeto e os Fóruns Municipal e Estadual de economia solidária em uma feira na Cinelândia na primeira quinzena de agosto, com o objetivo de divulgar o RIOECOSOL. A filha de Leila, 14 anos, pretende seguir a carreira de modelo e desde o início do projeto participa dos desfiles do Costurando Ideais. Acompanhando-a para a Cidade de Deus onde seria realizada a prova de roupas, Leila deu o depoimento acima e concluiu dizendo que aquele momento só estava sendo possível, o grupo seguindo de uma comunidade para a outra, sem receio de grupos rivais no tráfico e para participar de um evento como esse porque as UPPs existem.

VIII) CONCLUSÃO

Após a análise da participação do grupo comunitário Costurando Ideais no projeto RIOECOSOL, parte de uma das ações do PRONASCI, observei em consonância com os pensamentos de Gramsci, que é possível, a existência de movimentos contra hegemônicos lutando pela cultura em busca de sua identidade própria, manifestando-se assim contra a sociedade de consumo e da classe burguesa detentora dos símbolos de status e poder. No campo da cultura, pode-se considerar a moda como exemplo de novas possibilidades de ações sociais na corrente gestão de políticas públicas do governo federal e municipal na reorganização dos espaços da cidade do Rio de Janeiro, na medida em que grupos oriundos de favelas cariocas descem o morro e participando de eventos culturais relacionados à moda, integram-se de forma efetiva a esse processo. Ao tornarem-se protagonistas de sua história, cidadãos com participação econômica e política em sua cidade e país, desempenham a função principal de um partido político que é nas palavras de Gramsci, "... elaborar os próprios componentes, elementos de um grupo social nascido e desenvolvido como econômico, até transformá-los em intelectuais políticos qualificados, dirigentes, organizadores de todas as atividades e funções inerentes ao desenvolvimento orgânico de uma sociedade integral, civil e política". (GRAMSCI, vol.2, 25)

Após os dois anos de pesquisa, percebi claramente ser fundamental para a integração dos diferentes espaços da cidade, em uma reorganização propiciada em parte



pela nova política de segurança nacional, investimentos em projetos e programas culturais relacionados a projetos educativos, desenvolvendo o conceito de cidadania ao mesmo tempo em que se valoriza os grupos já existentes da comunidade; no artesanato, moda, artes plásticas, música, dança, preparando-os para através do aprimoramento de suas técnicas, torná-los aptos para ingressar na sociedade de consumo, socializando a economia dentro de um sistema capitalista. Nesse processo, a comunicação e as novas mídias tornar-se-ão peças decisivas na divulgação desses projetos, levando a população não participante da iniciativa do RIOECOSOL e outras iniciativas de movimentos e investimentos sócias, informações sobre a política de segurança do governo e o que está sendo chamado de “a nova economia” e de como a cidade pode dela se beneficiar para ingressar de forma consistente em uma nova possibilidade de existência para todos, favela e asfalto, norte e sul, personagens da mesma cidade e do mesmo país. Depois de longo período por trás de sólidos muros de preconceitos e violência, a voz da comunidade pode ter muito a dizer.

Trazer as crianças e as jovens das comunidades para participarem desse novo momento, torna-se bastante facilitado com a aproximação com a moda, em sua colaboração com os desfiles, mostraram-se interessadas a aprender sobre arte, história da sociedade e história da arte. Foi surpreendente descobrir que a moda é apenas uma porta de entrada para a educação. Convivendo e compartilhando os agitados dias de preparação para os eventos, muitas vezes em nossas conversas enquanto produzíamos roupas, maquiagem e cabelos, ouvi as meninas dizendo: “quando crescer quero ser advogada, quero ser médica, quero ser veterinária, quero ser juíza e colocar todo mundo ruim na cadeia, quero ser estilista, quero ser arquiteta”. Para minha agradável surpresa descobri que na maioria das vezes, as meninas compareciam pelo prazer de encontrar diferentes personagens, de conhecer novos lugares e novas formas de estar no mundo. Buscavam afeição, encontro e troca; o que querem mesmo na vida é estudar e aprender.

Bibliografia

CANCLINI, Nestor Garcia. **Diferentes, Desiguais e Desconectados: mapas da interculturalidade**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2007.

COUTINHO, Eduardo Granja. **Processos contra hegemônicos na imprensa carioca, 1889/1930**. In: Comunicação e contra hegemonia. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

COUTINHO, Eduardo Granja. **Gramsci: a comunicação como política**. In: Mídia e Poder. Ideologia, Discurso e Subjetividade. Rio de Janeiro: Mauaud, 2008.



FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra Ltda., 1967.

GRAMSCI, A. **Cadernos do Cárcere**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

SILVA, Tomaz Tadeu Da. **Identidade e Diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

SODRÉ, Muniz. **Estratégias Sensíveis: afeto mídia e política**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2006 (230 p).

_____. **Antropológica do espelho** – uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis: Vozes, 2001.

_____; PAIVA, Raquel. **Convergência formativa: Comunidade, Comunicação e Educação**. Curso ministrado no doutorado em Mídia e Mediações Socioculturais, ECO/UFRJ, 1º. Sem. 2011.

SOUZA, Gilda de Mello e. **O Espírito das Roupas. A moda no século dezenove**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

TEIXEIRA, Coelho. **A Cultura pela cidade**. São Paulo: Iluminuras, 2010.

VILLAÇA, Nízia. **As duas margens midiáticas do Rio de Janeiro**, 2008.

VILLAÇA, Nízia. **A expansão das marcas e o DNA periférico**. São Paulo: Revista Dobras, vol.01, 2007.

YÚDICE, George. **A conveniência da cultura: usos da cultura na era global**. Belo Horizonte: UFMG, 2006.